Eu, Gregor Samsa, e a agonia

Joana Serbeto - 3°A

Eu, Gregor Samsa, não saio mais do meu quarto.

A prisão domiciliar começou há um tempo - o bastante para ser difícil de determinar - e não foi ideia minha. Na verdade, *nada* do que aconteceu foi ideia minha. Por mais que eu tente, não consigo imaginar por que alguém planejaria uma metamorfose como a minha. Ela me veio sem anúncio e, aparentemente, sem motivo algum. É como se eu estivesse amaldiçoado, pois a sensação é de que isso é uma praga que surgiu única e exclusivamente para destruir o que eu já chamei de vida.

Mas nada disso é novo, não mais. O asqueroso corpo insectóide que eu vejo todos os dias no espelho não tem absolutamente nada a ver com a minha forma humana, mas é meu. Não me estranha e não me assusta mais. Eu parei de acordar toda manhã acreditando, mesmo que só por um momento, que é tudo um sonho. Já aceitei: sonhar é pras pessoas. Eu não sou mais uma pessoa.

A pior parte, no entanto, não é a minha forma, e sim o fato de que não há muito pra se fazer aqui. No meu confinamento, já fiz tudo que pode ser feito entre quatro paredes. Bem, tudo que pode ser feito pelo verme que me tornei. Não consigo mais andar, mas posso rastejar. Grete, minha irmã caçula, percebeu que encontrei algo que me diverte, e removeu os meus móveis para me dar mais espaço. Acho que Grete, assim como eu, entendeu que a transformação é permanente.

Inicialmente, devo admitir que me senti um tanto humilhado pela atitude da minha irmã, pois tenho certeza que é assim que ela trataria animal de estimação. Mas então abri mão da minha humanidade. Rastejei por todo o espaço que achei. Tanto o fiz que esse passatempo, antes prazeroso e divertido, agora não passa de um cansaço desnecessário. Preciso de um novo.

Desde a minha metamorfose, Grete tem cuidado de mim. Isso é outra coisa que eu já considerei humilhante: eu sou o irmão mais velho. Eu que devia estar cuidando dela. Mas agora, depois de ter sido abandonado tão friamente pelos nossos pais, devo admitir que aprecio o carinho que Grete me providencia. Mas comecei a notar que ela sempre abre a janela quando entra no quarto, como se tivesse nojo de mim. Além disso, ela tem ficado cada vez mais impaciente comigo, me tratando como um completo inútil. Isso é o que me destrói: meus pais já me tratam assim, agora que não posso mais trabalhar e pagar suas dívidas. Mas Grete é minha irmãzinha. Ela *devia* ser diferente.

Queria poder lembrá-la que eu já fui a única fonte de lucro da família. Queria que ela soubesse dos meus planos para que ingressasse no conservatório. Queria saber se ela ainda me ama. Mas, mais do que que qualquer coisa, queria saber se ela já me amou.

Grete não me faz companhia do jeito que fazia antes. E eu não posso fazer questão de que ela passe. Assim, fico completamente sozinho, sem nada pra fazer além de rastejar. E isso, além de não me trazer mais felicidade, parece ficar cada vez mais difícil. Nem uma boa caminhada (ou, no meu caso, *rastejada*) pode curar a solidão, e eu estou completamente sozinho. Não há distração para mascarar o que é verdadeiro.

Mas preciso continuar rastejando. Se eu não rastejar, eu penso. E eu não posso mais pensar. Quando eu tento, vejo ódio, dor e tristeza. A minha solidão me providencia uma crise existencial diária. Por que minha família não me ama? Por que não consigo fazer nada? Por que essa metamorfose terrível foi acontecer comigo? Por que existo? *Por que ainda estou aqui?*

Não encontro mais as respostas dessas perguntas. Me afundo em uma total e completa agonia. A vezes, o silêncio é violento.

Rastejo para me distrair, para parar de pensar. Pensar é pra pessoas. Eu não sou mais uma pessoa.